

# À flor da terra, o lugar da poesia

Aleilton Fonseca\*

## Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar em **Magma**, único livro de poemas de Guimarães Rosa, o lirismo telúrico rosiano, enquanto sentimento de integração e louvor à terra, a partir da leitura de poemas como “Águas da Serra”, “Ritmos selvagens”, “Boiada”, “No Araguaia”, “Toada da chuva”, “Gruta do Maquiné”, “Primavera na serra” e outros, que captam e revelam motivos, cores, sons e sensações de um concerto poético da natureza em seu simples e profundo existir.

Palavras-chave: Magma; Poesia; Telurismo; Lirismo.

No seu único livro de poemas, **Magma**, escrito em 1936 e publicado postumamente, em 1997, Guimarães Rosa descortina e percorre uma geografia afetiva, criando imagens de lugares, fenômenos e experiências do estar-viver-sentir no espaço rural. Vários poemas instauram-se como revelações líricas de percepções, paisagens e vivências, numa linguagem que se funda à flor da terra, lugar da poesia.

Assim, numa leitura de aproximação e reconhecimento, percorreremos alguns aspectos do lirismo rosiano, visto enquanto sentimento de integração à terra, a partir de poemas que captam e revelam motivos, cores, sons e sensações de um concerto poético da natureza em seu simples e profundo existir. Como afirmamos, num ensaio crítico:

há na poesia brasileira uma tradição do canto à terra natal, como uma característica que se pode denominar de telurismo poético, no qual se sente o brotar incessante do sentimento do lugar nas dobras semânticas dos versos. O lugar, ou seja, o locus de onde emana a voz, faz parte da constituição do discurso, sobretudo daquele que registra ou resgata as vivências do ser humano entre seus semelhantes, seus coetâneos,

---

\* Universidade Estadual de Feira de Santana – Bahia.

## Referências

- CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. **Tese e antítese**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971. p. 119-139.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 11. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. 1. ed., 3. imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [s.d.].
- MENESES, Adélia Bezerra de. **Grande sertão: veredas e a Psicanálise**. *Scripta*, v. 5, n. 10, Edição especial do 2º Seminário Internacional Guimarães Rosa. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2º sem. 2002. p. 21-37.
- PROENÇA, M. Cavalcanti. Trilhas no **Grande sertão**. In: PROENÇA, M. Cavalcanti. **Augusto dos Anjos e outros ensaios**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1959. p. 151-241.
- ROSA, Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 8. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.
- VICO, Giambattista. **Princípios de uma ciência nova**. Tradução Antonio Lázaro de Almeida Prado. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.



# À flor da terra, o lugar da poesia

Aleilton Fonseca\*

## Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar em **Magma**, único livro de poemas de Guimarães Rosa, o lirismo telúrico rosiano, enquanto sentimento de integração e louvor à terra, a partir da leitura de poemas como “Águas da Serra”, “Ritmos selvagens”, “Boiada”, “No Araguaia”, “Toada da chuva”, “Gruta do Maquiné”, “Primavera na serra” e outros, que captam e revelam motivos, cores, sons e sensações de um concerto poético da natureza em seu simples e profundo existir.

Palavras-chave: Magma; Poesia; Telurismo; Lirismo.

**N**o seu único livro de poemas, **Magma**, escrito em 1936 e publicado postumamente, em 1997, Guimarães Rosa descortina e percorre uma geografia afetiva, criando imagens de lugares, fenômenos e experiências do estar-viver-sentir no espaço rural. Vários poemas instauram-se como revelações líricas de percepções, paisagens e vivências, numa linguagem que se funda à flor da terra, lugar da poesia.

Assim, numa leitura de aproximação e reconhecimento, percorreremos alguns aspectos do lirismo rosiano, visto enquanto sentimento de integração à terra, a partir de poemas que captam e revelam motivos, cores, sons e sensações de um concerto poético da natureza em seu simples e profundo existir. Como afirmamos, num ensaio crítico:

há na poesia brasileira uma tradição do canto à terra natal, como uma característica que se pode denominar de telurismo poético, no qual se sente o brotar incessante do sentimento do lugar nas dobras semânticas dos versos. O lugar, ou seja, o locus de onde emana a voz, faz parte da constituição do discurso, sobretudo daquele que registra ou resgata as vivências do ser humano entre seus semelhantes, seus coetâneos,

---

\* Universidade Estadual de Feira de Santana – Bahia.

seus companheiros de existência. Quando surgimos na vida coexistimos não só com pessoas e fatos, mas também com cenários, objetos, animais, árvores, rios, caminhos, circunstâncias: e tudo isso faz parte do nosso ser e estar no mundo. (FONSECA, 2001, p. 81)

Para o poeta sensível aos apelos da paisagem natural, este manancial da experiência e da memória se transforma em matéria-prima de poesia, mediada pela palavra e filtrada pela perspectiva do olhar lírico. Em **Magma**, o eu-lírico rosiano exprime uma percepção empenhada em ver/olhar/perceber as belezas das coisas, transmutando-as em linguagem poética. Assim, a obra se oferece de maneira especial ao leitor. Um livro de estréia do autor, sua primeira e única coletânea de versos, premiado em 1936 pela Academia Brasileira de Letras, tendo permanecido inédito e quase clandestino até 1997, quando veio a público, causando espanto e polêmica. O próprio autor referiu-se ao livro, no seu discurso de agradecimento pelo prêmio concedido pela Academia de Letras, da seguinte maneira:

O **Magma**, aqui dentro, reagiu, tomou vida própria, individualizou-se, libertou-se do meu desamor e se fez criatura autônoma, com quem talvez eu já não esteja muito de acordo, mas a quem vossa consagração me força a respeitar. (ROSA, 1979, p. 9)

Assim, o livro sobreviveu ao confesso “desamor autoral”, atravessou um longo período de ineditismo, e agora reclama o seu lugar no acervo da literatura. Cabe, portanto, aos estudiosos, situar **Magma**, não somente na obra rosiana, mas numa das vertentes da poesia brasileira do século XX.

Em um interessante estudo, Josse Fares e Paulo Nunes (2003, p. 374.) destacam que “a poesia de **Magma** está mais de acordo com o projeto estético da primeira geração modernista, empenhada na redescoberta do Brasil”. Assim, colocam-no ao lado de **Cobra Norato**, de Raul Bopp, e **Macunaíma**, de Mário de Andrade, obras que revelam aspectos ignorados ou ofuscados da cultura brasileira a partir das matrizes interioranas, sob um tratamento primitivista e alegórico, próximos à natureza e oriundos do imaginário autóctone. Nessa relação, é preciso acrescentar o longo poema **Iararana**, do poeta baiano Sosígenes Costa (1901-1968) que, escrito em 1934, permaneceu inédito até 1979, quando José Paulo Paes fixou o texto e preparou a edição ricamente ilustrada por Aldemir Martins. **Iararana** narra a epopéia mito-poética do surgimento da civilização brasileira – num rico processo de hibridismo étnico-cultural, no Sul da Bahia, *locus* do surgimento do Brasil. Trata-se de obras que, no conjunto, interpretam, na visão primitivista do modernismo, o nosso *ethos* mítico-cultural a partir das matrizes locais e interioranas.

Em **Magma**, há um suave e exacerbado sentimento da terra, uma tangência geopoética das palavras, dispostas em versos descritivos e narrativos que expri-

mem uma visão afetivamente comprometida com o material recolhido pela intuição e pela experiência. No poema inicial, “Água da Serra”, os versos imprimem um movimento que fluirá por toda a coletânea, poesia como água cristalina a percorrer as dobras sinuosas da forma, carregadas pelos veios das palavras. Diz o poeta:

Águas que correm,  
claras,  
do escuro dos morros,  
cantando nas pedras a canção do mais-adiante,  
vivendo no lado a canção do sempre-descendo...  
Águas soltas entre os dedos da montanha,  
noite e dia,  
na fluência do ímpeto da vida... (p. 15)

O eu lírico visualiza o movimento em sua constância natural, como um dom divino, – o instante inaugural da vida – que representa o surgimento da própria poesia da terra, epifanicamente revelada ao poeta no ato em que a coisa observada adquire, pela mediação da palavra, um sentido poético. O poeta indaga às águas:

Qual terá sido a hora de vossa fuga,  
quando as formas e as vidas se desprenderam  
das mãos de Deus,  
talvez enquanto o próprio Deus dormia?...

Há aqui a concepção da vida como movimento espontâneo, como instauração de plena liberdade das formas, algo que escapa do controle do criador e se instaura em si, segundo o poeta “e a luz a avançar, sempre mais longe,/ nos milênios de treva do sem-fim...”.

Em “Ritmos selvagens” o poeta aproxima, através de uma comparação, o estado de natureza ao estado de criação poética.

O pica-pau, vermelho e verde,  
paralelo ao tronco  
branco de papel de uma mirtácea,  
como um poeta, que desde a madrugada  
vem fazendo o retoque dos seus versos,  
martela com o bico, na casca da árvore,  
o poema dos índios caiapós:  
(...) (p. 20)

Esta comparação justapõe, na mesma ordem, o fato da natureza (o pica-pau bicar a árvore) ao ato de criar o poema (o poeta retocar o verso no papel), guardando-se aí a contigüidade do material: a árvore e o papel, respectivamente. Este poema consiste na descrição que se faz dos índios caiapós, seus costumes, seu

entorno (fauna, flora, vivências). Enfim, é a própria paisagem humana e natural que se exprime diante da percepção do poeta:

O dia inteiro, às águas ouviram,  
e as matas entenderam,  
as vozes que o vento vai levando  
para oeste, para longe, para além do Culuene,  
onde o sol se apaga, como a fogueira da última taba,  
onde os cocares dos buritis pendem imobilizados,  
e o rio marulha a canção dos guerreiros  
que vão desaparecer...

Há um princípio geral na concepção dos poemas de **Magma**. O eu lírico capta os movimentos da natureza como expressão da poesia, como se observa no poema “Sono das águas”:

Há uma hora certa,  
no meio da noite, uma hora morta,  
em que a água dorme. Todas as águas dormem:  
no rio, na lagoa,  
no açude, no brejão, nos olhos d’água,  
nos grotões fundos. (p. 66)

E, na estrofe final do poema, há a ressalva, que repõe a força de ação do elemento:

Mas nem todas dormem, nessa hora  
de torpor líquido e inocente.  
Muitos hão de estar vigiando,  
e chorando, a noite toda,  
porque a água dos olhos  
nunca tem sono...

Viva e ativa, a natureza é um corpo de significados em movimento. A paisagem se manifesta diante da percepção do poeta que, atento aos seus mínimos acenos, capta as suas sugestões para instaurar o poema.

Nos poemas da série Araguaia I, II, III, e IV há ainda maior interlocução do eu lírico com os elementos naturais, o que os torna particularmente narrativos, com comentários, detalhes e até diálogo. Podemos ver aí o prenúncio do exímio narrador que se afirmaria na prosa rosiana, na qual os percursos da linguagem tangenciam o chão cultural, envolvendo seres e natureza num conjunto indissociável.

Já aqui, em **Magma**, como assinala Walnice Nogueira Galvão a respeito de **Grande sertão: veredas**:

A força do peso da natureza sobre os seres humanos, fora da cidade e dos abrigos construídos pelo homem, faz-se presente. A linguagem de Riobaldo se impregna pois dessa presença e organiza um verdadeiro catálogo de fauna e flora, inclusive discutindo os diversos nomes que um mesmo espécime pode tomar conforme os pontos cardiais. A integração desses nomes à fala serve para avançar mais um traço da caracterização de Riobaldo enquanto personagem: a de bom observador da natureza, a de alguém que ama as belezas do mundo. (GALVÃO, 2002, p. 349)

“Toada da chuva” retoma o *leitmotiv* da coletânea, fundada no ritmo da liquidez dos versos/rios/águas correntes. Agora, é a chuva que comparece como circunstância – objeto de contemplação – motivo para o eu lírico rememorar, ou seja, voltar ao passado.

Chove e faz frio.  
Posso vir ao passado,  
porque a chuva cai, em estribilho  
de dedos brancos num teclado manso,  
disciplinada, como uma velha trova,  
e o meu passado é frio... (p. 118)

O passado é uma referência sempre próxima ao canto do poeta – já que sua matéria se sedimenta na experiência e na observação que se traduzem em texto, como revelações, – epifanias – instantes de percepção e tomada de consciência. Ora, o passado, com sua gama de conteúdos e registros, constitui a história pessoal, naquilo que cada indivíduo sente como experiência única e particular. O passado também constitui a história coletiva, naquilo que os indivíduos vivem e compartilham com os demais. Daí as lembranças, a rememoração formando os ciclos da memória. Como já afirmamos:

A poesia é, ainda melhor do que a história, o discurso mais profundo de recuperação dos processos afetivos, das vivências significativas, das epifanias acumuladas – porque, com sua força expressiva, com a chancela da metáfora, pode constituir o roteiro em que se inscrevem os traços de nossa construção e de nossa trajetória como um ser, ao mesmo tempo, único e plural. (FONSECA, 2001, p. 82)

Nesta lógica, podemos compreender a atitude do eu lírico no poema expressivamente intitulado “Revolta”, numa espécie de desabafo diante da ameaça de perda das referências:

Mas não quero ir para mais longe,  
desterrado,  
porque a minha pátria é a memória.  
Não, não quero ser desterrado,  
que a minha pátria é a memória... (p. 136)

Mas é sobretudo no poema “Gruta do Maquiné” que este aspecto é particularmente visível. Vivência, memória e imaginário se amalgamam, dando forma e consistência ao poema:

A gruta de Ali-Babá ainda existe,  
Graças a Deus, ainda existia,  
Quando eu disse:  
— “Abre-te-Sésamo!...”,  
na fralda da serra.  
E fui entrando, deixando cá fora  
Também o sol, a meio céu, querendo entrar... (p. 35)

Aqui a experiência – certamente do menino João, revisitada e reconfigurada pela memória do adulto Guimarães Rosa, recupera-se no mapa afetivo. No tecido lírico, reconfiguram-se a vivência antiga, as marcas do medo, da curiosidade, do espanto e do conhecimento – enfim, a percepção dos diversos aspectos da gruta, amalgamada com o conhecimento e as referências do adulto experiente e letrado. A representação alegoriza duas faces de uma realidade vivida e retomada num roteiro estético de vivências redimensionadas pela sensibilidade e pela imaginação.

Os poemas “Integração” (p. 145) e “Consciência cósmica” (p. 146), que fecham o volume, trazem já nos títulos a aspiração anímica do poeta. O eu lírico deixa-se absorver pela paisagem, juntando seu corpo ao corpo da terra, numa aproximação táctil intensa: “Deitado no chão”, mostrando o estado de ser/estar na natureza, parte de seu próprio corpo, numa entrega lírica total. Tanto que “os dedos são raízes” – ele diz:

Desce-me ao fundo do peito a terra inteira,  
No cheiro molhado da poeira,  
e os meus olhos sobem, tateando os verdes...

Mais que isso, só o êxtase totalizador a que o eu lírico atinge em “Consciência cósmica” – o derradeiro poema do livro. O eu lírico atinge o estado de integração cósmica com a natureza – seu corpo, ele já não o tem em si, pois ele faz parte do corpo da natureza – introjetando na sua percepção e na sua palavra o seu ser uno – poeta/cosmo.

Enfim, entendemos que **Magma** possui sentidos líricos particulares que, em relação, ou ao largo da prosa rosiana, devem ser estudados e esclarecidos. O livro deve incorporar-se ao acervo da poesia brasileira, não apenas por ser da autoria de Guimarães Rosa, mas pela vertente lírica telúrica que revigora, pelo caminho de abordagem que aponta, como uma linha de força de nossa literatura. **Magma** sinaliza que por esta vertente a poesia também pode se efetivar, como uma das fa-

cetas do mosaico de linguagens que comportam as imagens da natureza e das paisagens interioranas ao lado das imagens urbanas, num calidoscópico das diversas vozes que expressam as partes indissociáveis da totalidade complexa que é a literatura brasileira. Enfim, ler **Magma** é dialogar com o poeta Guimarães Rosa, que, legítimo precursor de Riobaldo, é aquele “bom observador da natureza”, “alguém que ama as belezas do mundo”.

## Abstract

In his only poetry book, **Magma**, Guimarães Rosa unveils and follows the route of a geography of affection, creating images of places, phenomena and experiences of being-living-feeling in the rural space. Several poems pose themselves as lyrical revelations of perceptions, showing a kind of language founded upon the land, poetry place. This work has as its objective to analyze Rosa's telluric lyrism, seen as a feeling of integration and praise to the land, having as basis poems like “Águas da Serra”, “Ritmos selvagens”, “Boiada”, “No Araguaia”, “Toada da chuva”, “Gruta do Maquiné” and “Primavera na serra”, among others, that capture and reveal motives, colors, sounds and sensations of a poetic concert of nature in its simple and deep existence.

Key words: **Magma**; Poetry; Tellurism; Lyrism.

## Referências

COSTA, Sosígenes. **Irarana**. (Texto fixado e edição preparada por José Paulo Paes). São Paulo: Cultrix, 1979.

FONSECA, Aleilton. O telurismo poético. In: AGUIAR, Iosito. **In illo tempore**. Odes paramirinhenses. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001. p. 81-87.

FARES, Josse; NUNES, Paulo. **Magma**: pescaria amazônica nas veredas de Guimarães Rosa. **Veredas de Rosa II**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2003. p. 372-377.

GALVÃO, Walnice Nogueira. O mago do verbo. **Scripta**, v. 5, p. 343-351, 1. sem. 2002, Belo Horizonte, Editora PUC Minas.

ROSA, Guimarães. **Magma**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.